



O REGIONAL E O ESTRANGEIRO NO CONTO “UM CAVALO QUE BEBIA CERVEJA”, DE GUIMARÃES ROSA: CONSIDERAÇÕES MIMÉTICAS E METALITERÁRIAS

Smmyth Kallony Mendes de Albuquerque (1); Nilson Pereira de Carvalho (Orientador) (2)

Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns. E-mails: smmythk@gmail.com (1) e noslinnilson@yahoo.com.br (2)

Resumo: Realizado no âmbito do projeto “Metaliteratura: teorias e obras” (CNPq/UFRPE), este trabalho teve como objetivo analisar o conto “Um cavalo que bebia cerveja”, de Guimarães Rosa (1962), evidenciando seu caráter mimético e metaliterário. Trata-se de um recorte dos resultados obtidos no plano de trabalho “Metaliteratura e mimese em contos de Guimarães Rosa”. Os estudos metaliterários buscam resgatar o caráter autorreflexivo da literatura, em que ela testemunha a si própria diante de diversos níveis, implícitos ou explícitos. O presente trabalho parte dos pressupostos teóricos de Bernardo (1999), Culler (1999) e Foucault (2005), no que tange o fenômeno literário e sua tendência autorreflexiva, e dos estudos de Cortázar (1993), em relação às discussões sobre o gênero conto. As reflexões realizadas no desenvolvimento do trabalho buscam evidenciar como a metaliteratura atua no conto supracitado, destacando-se os esquemas envolvidos, contribuindo, assim, para os estudos metaliterários e, conseqüentemente, para a teoria literária. O conto analisado apresenta representações miméticas envolvendo o processo de imigração italiana no Brasil, o imaginário popular religioso pela comparação do cavalo branco apresentado no conto, e possivelmente o político italiano Benito Mussolini. O regime metafórico da máscara, tal como consta nos estudos metaliterários, é também observado no conto. A análise contribuiu, ainda, com a identificação e catalogação de mais um regime metafórico à pesquisa – o do “labirinto” –, que reflete a possibilidade de oscilação de situações que se aproximam ou não do que é verossímil.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, Metaliteratura, Mimese.

Introdução

A problematização do fenômeno literário que se extrai da essência autorreflexiva do ser da literatura, a metaliteratura, ascende discussões sobre as multirrelações inerentes à literatura que se deixam transpassar pelo caráter figurativo e metafórico da linguagem, possibilitando intensas reflexões teóricas que acabam por enaltecer o fazer literário.

Esta pesquisa, nesse ensejo, tem como *corpus* o conto “Um cavalo que bebia cerveja”, presente no livro *Primeiras Estórias* (1962), de Guimarães Rosa. A exploração do conto é realizada com vistas ao processo antológico dos esquemas do fenômeno da metaliteratura. Esses esquemas ocorrem em uma quantidade considerável de obras, além de manifestarem-se em diferentes “níveis”, ou várias “camadas” existentes, que partem de exemplos diversos, como aqueles em que a



literatura é explicitamente mencionada. Em alguns, existe uma metáfora mais subjacente; em outros a ambientação nos faz compreender a própria literatura; e, ainda, existem outros relacionados a formas diversas de como a literatura representa a si mesma nos textos.

O recorte do objeto de estudo foi empreendido no tempo – a contemporaneidade – e no espaço – expressões brasileiras. Tal procedimento se justifica em função da perspectiva de natureza teórica, isto é, busca-se uma configuração que tente compreender os fenômenos de modo geral e não propriamente sua ocorrência em situações delimitadas. Esse contato com o conto faz parte da progressiva abordagem ao problema e às suas manifestações, partindo da constatação de que o fenômeno literário utiliza-se de esquemas numerosos e complexos para testemunhar de si mesmo em textos dos diferentes gêneros.

Assim, este trabalho é caracterizado pela reflexão sobre conceito de mimese, fenômeno relacionado à literatura; e pelo estudo complexo do fenômeno metaliterário em “O cavalo que bebia cerveja”, de Guimarães Rosa, cujo cotejo foi baseado na dinamicidade dos aspectos literários passíveis de observação. Inicialmente são apresentadas algumas reflexões – desenvolvidas por meio de pesquisa bibliográfica – sobre as intrínsecas relações entre o conceito de literatura, o conceito de mimese e o fenômeno da metaliteratura. Por fim, é trazida a análise do conto mencionado, cujo resultado culminou na classificação de mais um arquétipo no leque dos fenômenos metaliterários: o do “labirinto”.

Metodologia

Configurando-se, predominantemente, pelo caráter bibliográfico e com o intuito de refletir sobre a mimese e os esquemas de autorreferenciação da literatura, o trabalho aqui realizado foi dividido em dois momentos. No primeiro, foi realizado um estudo referente ao percurso conceitual e histórico da mimese, e à revisão de textos teóricos e críticos que abordam o problema da metaliteratura, conforme consta no projeto de pesquisa *Metaliteratura: teoria e obras*. Reuniu-se pressupostos teóricos visando à sistematização de uma teoria específica para a metaliteratura, apoiada na fortuna crítica sobre a questão mimética. Entre esses pressupostos destacam-se as contribuições de Bernardo (1999), Culler (1999), Rosenfeld (1999), Lima (1980), Auerbach (2007), Foucault (2005), Barthes (1997), Calvino (1990), Cortázar (1999), Benjamin (1985), entre outros.

O segundo momento consistiu na análise do conto “O cavalo que bebia cerveja”, de Guimarães Rosa, presente na obra *Primeiras Estórias* (1962), com a intenção de investigar os



esquemas e regimes de autorreferenciação da literatura, contribuindo com o processo de catalogação deles e com a formatação de uma antologia em favor da sistematização teórica do aspecto metaliterário.

Resultados e discussão

Para iniciar a busca pelo percurso conceitual da mimese, é de suma importância apresentar o que o filósofo grego Platão articula sobre a temática, já que é dele que parte o primeiro registro acerca do fenômeno. Na obra *A República*, construída em dez livros, ele evidencia de forma dialogada um Estado idealizado, utópico, em que qualidades e virtudes são enaltecidas e erros e vícios são repreendidos; tais valores – positivos e negativos – são constituídos a partir da visão de mundo que ele desenvolvera diante de seu tempo, colocando-se à frente seu próprio juízo de valor com o intuito de afirmar o que é ou não necessário para se chegar a uma sociedade perfeita.

No que tange a questão da ficção, dos poetas, os livros III e X trazem os posicionamentos do autor sobre os reflexos dessas figuras em sua república. No livro III, há um diálogo entre as personagens Sócrates e Adimanto. Sobre a imitação, Sócrates apresenta três perspectivas: a totalmente imitativa, como acontece nas tragédias e comédias; a narrativa, quando o poeta apenas narra, como acontece nos ditirambos; e a mista, em que a narração e a imitação se misturam, como nas epopeias. O modelo aceitável, então, se consolida nesse terceiro viés, pautado no estilo imitativo e expositivo, estando a imitação em segundo plano e voltada à caracterização da verdade – que compete as qualidades e virtudes.

No livro X, a conversa entre Sócrates e Glauco traz à tona a repreensão da imitação. É apresentada uma configuração do papel do pintor por meio da comparação com o marceneiro e com Deus; este, supõe-se, é apresentado como o criador da cama em sua forma natural. O marceneiro, então, se mostra como o criador da segunda espécie de cama, tratando-a como uma reprodução daquela criada pela divindade, assumindo a posição de artesão. O pintor, por fim, aparece como o imitador do objeto ao pintá-lo, o que o assemelha ao poeta trágico em relação a suas obras. Deus cria a verdade, o marceneiro imita a verdade e o pintor imita a aparência. Nessa discussão, cabe destacar que “a imitação está distante do verdadeiro e, ao que parece, realiza tudo captando um pouco a aparência ilusória de cada coisa”. (PLATÃO, 2007, p. 345).

O pintor, ao utilizar-se da ilusão que as cores propiciam, acaba por confundir a alma dos cidadãos, distanciando-os da verdade, e por consequência, da razão. Como não há objetivação



verdadeira nisso, Sócrates constata que a imitação produz maus efeitos. Nesse Estado ideal só serão aceitos os hinos aos deuses e os elogios às pessoas de bem, sendo estes reconhecidos como a verdadeira natureza da poesia.

Interessa destacar que a contribuição d'A *República* é grande, pois possui uma atualidade louvável mesmo com a presença de certos princípios repudiados na atual sociedade ocidental. Sobre a imitação da realidade, princípio da mimese, percebe-se que Platão se mostrava contrário à ideia; a reconhecia como algo desprezível em sua utopia se não estivessem versadas na verdade que ele elencara. É nessa perspectiva que sua contribuição se constitui à essa pesquisa histórica: do reconhecimento inicial da mimese, mesmo que de forma negativa.

Nesse contexto, é importante destacar algumas considerações acerca da *Poética* de Aristóteles, texto reconhecido como o fundador da teoria literária no Ocidente. O autor, discípulo de Platão, discordou do seu mestre no que trata da conceituação da mimese. No decorrer de seu texto, Aristóteles consolida os meios pelos quais a imitação se dá a partir das causas de aparecimento da poesia, e das histórias e teorias da tragédia, da comédia e da epopeia, e considera Homero como sendo o poeta supremo.

O filósofo enfatiza no capítulo XXV a crítica, problemas e soluções sobre as artes miméticas, o que contribui para uma definição constitutiva da mimese a partir de seu olhar. Assim, Costa (2003), ao sistematizar algumas proposições conceituais que destacam os principais aspectos da mimese diante do que Aristóteles pontua, afirma que o fenômeno em questão não significa a reprodução ou imitação da “realidade”, mas uma representação resultante de um processo específico que visa determinados efeitos, tendo como critério fundamental a verossimilhança. Esta, compreendida pela visão aristotélica, refere-se “não a adequação àquilo que aconteceu, mas aquilo que poderia ter acontecido” (ROSENFELD, 1999, p. 18), ou seja, trata-se de uma provável verdade. Tem-se, então, a contribuição de Aristóteles na discussão com um contra-argumento diante do que foi dito por Platão, enaltecendo-se as artes miméticas e, conseqüentemente, a mimese.

Nesse ensejo, Rosenfeld (1999) destaca aspectos da constituição sensível da obra literária, e ressalta que

Este mundo fictício ou mimético, que frequentemente reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra, torna-se, portanto, representativo para algo além dele, principalmente além da realidade empírica, mas imanente à obra. (ROSENFELD, 1999, p. 15).

Assim, o autor reitera o que Aristóteles discute em sua *Poética*, reafirmando a representatividade literária e sua autonomia. Ao discutir os problemas antológicos, lógicos e



epistemológicos da obra literária ficcional, o autor ainda discute que a mimese reflete o mundo prático, mas não tem necessariamente a obrigação de o fazê-lo, pois, caso o fizesse, fugiria do âmbito literário.

Jakobson (1978) traz sua contribuição no que tange o reconhecimento da função poética da linguagem. Em seus estudos, o autor – advindo do formalismo russo – discutiu as funções que podem-se depreender da linguagem, superpostas no exercício da comunicação verbal. A função poética que ele apresenta está centrada no que a mensagem – elemento integrante do esquema de comunicação verbal – quer expressar, não apenas o que diz objetivamente. Reafirmando o pensamento dele, Barbosa (1996, p. 83) diz que

Os procedimentos poéticos adotados pelo escritor, estabelecendo precisas relações de imagem e sábias escolhas vocabulares, que operam reverberações contínuas de significado, criam o espaço para a intensificação daquela função poética da linguagem, tal como definida por Roman Jakobson (BARBOSA, 1996, p. 83).

É por meio da análise desta função poética que Auerbach (2007) verifica as múltiplas realidades imbricadas nas obras da literatura europeia que se propõe a discutir, enaltecendo as relações miméticas que entrecruzam (ou não) as obras.

Lima (1980), assim como Rosenfeld (1999), também afirma que a ficção não tem compromisso direto com a realidade, mas ressalta que existem relações sérias entre elas. Por conseguinte, conceitua a mimese como a categoria central da ficcionalidade, o que acaba por se entrecruzar com o conceito de literatura dado por Bernardo (1999, p. 40): “conjunto assumido de ficções”. Perante este conceito, nota-se que a literatura em si também pode ser reconhecida como ficção. Tal questão foi a que ascendeu as discussões norteadoras sobre metaliteratura; assim, percebe-se que as reflexões são realizadas a partir da definição da própria literatura.

Culler (1999) comenta que, diante de um contexto teórico-literário, a resposta para a pergunta “o que é literatura?” não direciona-se a um conceito, mas a uma análise. Assim, o autor traz a “resposta” da pergunta por meio de uma discussão realizada a partir de determinados enfoques. Nesse contexto, o enfoque que merece destaque é no qual afirma que “a literatura é uma prática na qual os autores tentam fazer avançar ou renovar a literatura e, desse modo, *é sempre implicitamente uma reflexão sobre a própria literatura*” (CULLER, 1999, p. 41, grifo meu).

A problemática (positiva) perpassada nas relações reflexivas que envolvem o fazer literário, que se entrelaçam com a própria definição de literatura como visto acima, também é percebida pelo que Foucault (2005, p. 142, grifo meu) diz: “A literatura é uma distância aberta no interior da linguagem, uma distância incessantemente percorrida e jamais coberta; *uma espécie de linguagem*”



que oscila sobre si mesma, uma espécie de vibração imóvel”. Barthes (1997), assim como Calvino (1990), aponta que a literatura advém dos traços complexos da prática da escrita, que trapaceia a língua e possibilita conhecê-la no exterior de seu poder e em suas linguagens. Nesta amplitude, pode-se depreender a força que esse “poder” detém está intrinsecamente ligada ao caráter mimético, já discutido. As relações que permeiam esse “poder” são os objetivos dos estudos metaliterários, que buscam resgatar esse caráter reflexivo da literatura, em que ela testemunha a si própria diante de diversos níveis, implícitos ou explícitos.

Desta forma, diante dos embasamentos teóricos discutidos, ressalta-se que aos estudos metaliterários competem a verificação e valorização das particularidades de elementos, situações, reações e fenômenos anteriores, presentes, extra e interligados ao fazer literário – em ato consumado e até mesmo na vontade de o fazê-lo.

Agora, interessa destacar alguns aspectos do conto “Um cavalo que bebia cerveja”, do livro *Primeiras Estórias* (1962). Antes de iniciar a discussão, é relevante salientar que o conto, enquanto subgênero literário, é enaltecido por Cortázar (1999) por ser um texto incisivo e significativo por quebrar seus próprios limites; por ser um “caracol da linguagem”.

No conto em questão, um narrador-personagem relata que um estrangeiro, vindo da guerra, compra uma chácara próxima à sua morada. Era um senhor de costumes estranhos, que comia “imundícies”, fazia suas refeições do lado de fora da casa, e que tinha um cachorro pouco amado – chamado de Mussulino. Este estrangeiro sempre pedia a Reivalino Belarmino – o narrador – que fosse comprar cerveja para um de seus cavalos. Reivalino, que morava com sua mãe, detestava o novo vizinho e seu modo de falar. Quando sua mãe faleceu, o vizinho estrangeiro pagou as custas do velório e ainda lhe ofereceu um emprego – de quase vigilante e comprador de cervejas, para o cavalo. Aceitou tudo, de malgrado.

A casa grande só vivia fechada, o que despertou a curiosidade das autoridades locais. Reivalino foi questionado sobre a vida do estrangeiro – desvelado como seu Giovânio – mas nada tinha a relatar; apenas partilhava da desconfiança. Percebendo a desconfiança, seu Giovânio chamou Reivalino para conhecer a casa, que nada tinha de estranha. Depois, Reivalino percebeu que não tinha visto todos os quartos, e assim continuou desconfiado. Às escuras, seu Priscílio, o subdelegado, pediu novas informações a Reivalino, que falou das descobertas e da estranheza em se comprar cerveja para um cavalo.

Seu Priscílio, então, apareceu na chácara para apurar a história do cavalo. Seu Giovânio, em resposta aos questionamentos, trouxe as cervejas e pediu para que Reivalino buscasse o cavalo. Este



bebeu todo o líquido, ansiando por mais. Seu Priscílio foi-se; depois, fora interpelado por Reivalino para investigar também os quartos. Veio em seguida com um soldado para revistá-los. Em um deles, a surpresa: encontram um grande cavalo branco, empalhado, maravilhando os observadores. Pararam a investigação ali, muito embora Reivalino não tenha se esquecido dos outros quartos.

De repente, em outro momento, Reivalino é chamado por seu Giovânio à casa: havia o corpo de um homem no chão, coberto por um lençol. Era o irmão de seu Giovânio, que vivia fechado e incomunicável em um dos quartos. Seu Priscílio viera investigar, e encontra um horror: o falecido não tinha face, devido à guerra, segundo seu Giovânio. Fez-se um enterro conceituado. Reivalino decide ir embora, e ganha do patrão o bebedor de cerveja e Mussulino. Distante, sabe da morte do patrão e que havia ganhado a chácara em testamento. Volta para erguer as sepulturas e reformar a chácara para poder vendê-la. Relembra, por fim, os episódios que ali vivenciara.

A partir das falas de seu Giovânio, é possível identificar marcas de um sotaque italiano, caracterizando uma representação mimética envolvendo o processo de imigração no Brasil e de seu impacto – mescla e mestiçagem de um povo – através da linguagem, como se pode perceber nas falas “Irivalíni, eco, a vida é bruta, os homens são cativos...” (ROSA, 1962, p. 116), “Irivalíni... que esta vida... bisonha. Caspité?” (ROSA, 1962, p. 117), e “Andamos, Irivalíni, contadino, bambino?” (ROSA, 1962, p. 117). Outra representação ficcional, dessa vez do imaginário popular religioso, aparece na comparação do cavalo branco com o de São Jorge, em “reclaro, branquinho, limpo, crinado e ancudo, alto feito um de igreja – cavalo de São Jorge” (ROSA, 1962, p. 115). O nome do cachorro – Mussulino –, por sua vez, faz alusão ao político italiano Benito Mussolini, um dos principais nomes da criação do radicalismo fascista. Temos, assim, mais uma referência direta ao mundo real, e, portanto, mais uma erupção mimética na obra, com a denúncia do verossímil.

O regime metafórico da máscara, tal como consta nos estudos metaliterários, é observado diante do velamento que acontece com a casa e com seus quartos, por darem um tom misterioso ao conto. Em contribuição ao regime metafórico do labirinto, o conto traz direcionamentos que apontam para o verossímil, como a chegada de um estrangeiro rico a uma área rural, e para o inverossímil, como os episódios do cavalo bebedor de cerveja, do cavalo empalhado e do irmão misterioso sem face.

Conclusões

A partir do exposto, pôde-se perceber a elucidação de conceitos que podem se confundir em



seus entrecruzamentos. Diante do possível impasse, as reflexões apresentadas tendem a posicionar em seus respectivos lugares os “elementos” relacionados ao fazer literário, e, claro, enaltecê-los à frente de suas interligações inevitáveis e presentes em qualquer obra literária.

Reconheceu-se, então, a literatura como instituição da palavra, a mimese como caracterização do fenômeno ficcional e a metaliteratura como fenômeno (inter/intra/extra) relacionado ao fazer literário. Desta forma, procurou-se evidenciar que a mimese está a serviço da metaliteratura, assim como esta está a serviço da própria literatura.

Não se pode esquecer que a obra literária aparece como a fonte primária diante da busca pelo mimético e pelo metaliterário. A análise de “O cavalo que bebia cerveja” contribuiu amplamente para se chegar aos resultados mencionados, uma vez que suas peculiaridades e ricas inter-relações literárias (internas e externas) possibilitaram uma reflexão sobre diversos aspectos metaliterários. O conto analisado também se mostrou bastante relevante diante da necessidade de se reconhecer aspectos autorreferenciais da literatura, uma vez que, por meio dos devaneios apresentados nele, foi possível catalogar mais um arquétipo perante os fenômenos metaliterários; arquétipo esse que assegura uma das maiores propriedades da literatura: a de atar e/ou desatar os laços intrínsecos entre o real e o imaginário, dentro – e fora – dos limites ilimitados de uma obra.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIM, W. et al. **Obras completas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 269-272.

ARISTÓTELES. Poética. In: _____; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 2005, p. 17-52.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BARBOSA, João Alexandre. **A biblioteca imaginária**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1997.

BENJAMIM, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.

BERNARDO, Gustavo. O Conceito de Literatura. In: JOBIM, José Luís (Org.). **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 135-169.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

COSTA, Lígia Militz da. **A poética de Aristóteles**: mímese e verossimilhança. São Paulo: Ática, 2003.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca, 1999.

FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 137-174.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1978.

LIMA, Luis Costa. **Mímese e modernidade**: formas das sombras. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

PLATÃO. **A república**. 2. ed. São Paulo: Escala, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1962.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 9-50.

STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.